

2

O cotidiano do homem atual e as tecnologias da informação

Pensar no cotidiano do homem atual faz recordar as palavras proferidas pelo poeta-cantor, que morreu tão jovem: “O tempo não pára!”. Esse tempo imprime velocidade às mudanças que nos acompanham – mudanças essas que podem acontecer nos âmbitos econômico, tecnológico, político ou cultural, envolvendo absolutamente tudo ao nosso redor – e dita o ritmo do nosso dia-a-dia.

O poeta segue cantando: “Eu vejo o futuro repetir o passado, eu vejo um museu de grandes novidades” e confirma que as mudanças dos tempos atuais são muito parecidas com as de momentos anteriores da história. O mais relevante fato que parece estar se repetindo é o de que as grandes mudanças provocam alterações nos contextos sociais e influenciam a vida de todos.

Neste capítulo, abordo as grandes transformações trazidas pela Revolução Industrial e continuadas pela Revolução da Informação. Isso porque tanto as primeiras quanto as últimas estão diretamente relacionadas à inserção da tecnologia na vida dos homens, interferindo inclusive no seu contexto de trabalho e na sua vida pessoal. Vejamos:

2.1

A Revolução Industrial

Na virada do século XVIII para o XIX, a descoberta do vapor como fonte de energia teve várias conseqüências, cujo impacto sobre os homens e mulheres daquela época foi dramático.

Esse período foi chamado de Revolução Industrial. Nele, surgiram as primeiras grandes metrópoles, as implantações dos primeiros parques industriais, a migração da mão-de-obra do campo para as grandes cidades e muito mais. Com o surgimento das estradas de ferro, ainda no século XIX, as pessoas e as mercadorias passaram a dispor de transporte mais fácil, cujo custo foi reduzido. As indústrias do ferro e do aço se desenvolveram e a população das cidades

aumentou consideravelmente, já que um número cada vez maior de pessoas passou a deixar o campo para trabalhar nas fábricas.

Segundo Peter Drucker (1994), um dos mais importantes pensadores e escritores de administração do século XX, a ferrovia surgida em 1829 foi a grande inovação desse período chamado de Revolução Industrial. A ferrovia, segundo Drucker “mudou para sempre a economia, a sociedade e a política” (Drucker, 2002, p. 18).

“A ferrovia constituiu o elemento realmente revolucionário da Revolução Industrial, pois não só criou uma nova dimensão econômica, mas também mudou rapidamente aquilo que eu chamaria de *geografia mental*. Pela primeira vez na história os seres humanos tinham mobilidade real; pela primeira vez os horizontes das pessoas comuns foram ampliados. As pessoas da época perceberam imediatamente que havia ocorrido uma mudança fundamental de mentalidade.” (Drucker, 2002, p. 19).

Essa mudança da geografia mental do homem daquela época originou a possibilidade de ele se perceber com mobilidade para distâncias maiores, em menor espaço de tempo, além de todo universo de oportunidades que essa nova condição podia gerar.

A Revolução Industrial levou, também, à adoção do sistema capitalista, o qual se intensificou na segunda metade do século XVIII: “Começava a ceder o capitalismo mercantilista, que tinha na grande empresa colonial, sua principal base de sustentação” (Vieira e Vieira, 2004, p:26).

As fábricas, antes situadas em zonas rurais próximas às margens dos rios para aproveitar a energia hidráulica que eles lhes forneciam, começaram a mudar-se para perto das cidades, instalando-se em grandes edifícios, que lembravam quartéis com chaminés, apitos e com um grande número de operários.

Os crescentes incrementos nos sistemas de transporte e de comunicação desencadearam outras inovações, como o barco a vapor (inventado por Robert Fulton, em 1807) e a locomotiva (criada por Stephenson, 1832). Na mesma época, ocorreram as primeiras iniciativas no campo da eletricidade (por Ohm, em 1827), do eletromagnetismo (por Faraday, em 1838) e do telégrafo (por Morse em 1836). Essas novidades, por sua vez, propiciaram outras, além de facilitar e intensificar o comércio e o transporte entre os países que, por conseguinte, estreitaram negociações entre seus mercados.

Com a energia elétrica e os motores movidos à combustão interna, surgiu um novo impulso industrial. As novas descobertas permitiam a movimentação de

peças, máquinas, carros, bondes e navios, tornando-os mais e mais velozes, além de ensinarem muitas outras invenções, como a do telefone, por Bell, em 1876, que deu novo direcionamento à comunicação, gerando sinais inequívocos de que a era industrial se consolidava.

“Com a invenção do telefone em 1876, foi possível pela primeira vez na história uma conversa a distância em tempo real. Naquele tempo, a tecnologia era surpreendente. As demonstrações de sua capacidade atraíam grandes multidões, a maioria o reverenciava embora alguns o considerassem pura demonstração.” (Katz e Aakhus, 2002, p.1, minha tradução)

Todas essas invenções ocorridas nesse período representaram um marcante estágio tecnológico, que se estendeu até a época da Segunda Guerra Mundial.

A partir da utilização, por vários países, dessas inovações tecnológicas decorrentes da Revolução Industrial, pôde-se avaliar o cenário no qual o homem se viu inserido durante aquela nova era.

2.1.1

O regime de trabalho após a Revolução Industrial

Quando uma sociedade está em processo de mudança, muitos fatores que influenciam a vida de seus indivíduos sofrem transformações. O trabalho é uma das principais esferas a sofrer repercussões dessas transformações.

Os conceitos de trabalho e emprego têm passado por várias transformações ao longo dos tempos. Far-se-á aqui uma breve reflexão sobre o que ocorreu com o trabalho e o emprego através dos tempos.

Os termos trabalho e emprego não são sinônimos, apesar de serem percebidos assim, constantemente. No contexto dessa dissertação, adota-se a definição de trabalho apresentada por Ferreira (1999): a utilização pelo homem de suas forças e faculdades para alcançar um determinado fim e também a atividade coordenada, de caráter físico e/ou intelectual, necessária à aplicação de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento.

Já o vocábulo emprego é definido, ainda por Ferreira (1999), como sendo a maneira de prover a subsistência mediante ordenado, salário ou outra remuneração a que se faz jus pelo trabalho regular em determinado serviço, ofício, função ou cargo. No mercado de trabalho, emprego também é sinônimo de colocação ou lugar. Sendo assim, percebe-se que o conceito de trabalho é mais antigo que o de emprego, já que esse último está relacionado aos conceitos

surgidos na época da Revolução Industrial, com a saída do trabalho do ambiente privado, ou seja, da casa dos trabalhadores, para o ambiente público: a fábrica.

O conceito de trabalho é percebido de formas variadas, de acordo com o nível cultural e com o estágio evolutivo de cada sociedade. No início dos tempos, o trabalho surgiu como instrumento de luta pela sobrevivência. Para garantir a satisfação da necessidade de abrigo e alimento, o homem tinha de trabalhar. Depois, com o avanço da agricultura, vieram as ferramentas e os instrumentos que proporcionaram grande progresso ao trabalho que ele vinha desenvolvendo.

Nessa dissertação, optei por estudar o conceito de trabalho a partir da chamada Revolução Industrial. Inicialmente, existiam várias empresas familiares que vendiam uma pequena produção artesanal em que todos os membros da família trabalhavam juntos para vender seus produtos nos mercados. Além das empresas familiares, havia oficinas com muitos aprendizes que, em troca, recebiam moradia e alimentação e, ocasionalmente, alguma quantia em dinheiro. A jornada de trabalho era flexível, ditada pela condição física do próprio trabalhador e por seus interesses pessoais e profissionais. Porém, não foi sempre assim:

“Na Idade Média, o camponês vivia em função de sua colheita. Ele era um produtor que cultivava a terra e vivia nela de acordo com os ciclos do dia e da noite e das estações. O artesão trabalhava na sua oficina, provavelmente morando no mesmo espaço, e produzia suas obras de acordo com a solicitação dos interessados, dia-a-dia, visando a compor produtos finais (sua arte). O tempo de trabalho era medido em função da conclusão dessas produções.” (Miranda, 2004, p.112)

Com o advento da Revolução Industrial, o conseqüente êxodo rural e a concentração dos meios de produção, a maior parte da população não tinha ferramentas sequer para trabalhar como artesãos. Foi nessa época que a noção de emprego tomou forma, já que restava às pessoas oferecerem seu trabalho como moeda de troca. Foi exatamente a necessidade de organização do trabalho, daquele tempo, que deu origem ao conceito de emprego.

Algumas foram as conseqüências sociais da Revolução Industrial no que diz respeito à esfera do trabalho, tendo sido as seguintes as mais marcantes: a migração do trabalho da esfera privada para a esfera pública; o surgimento da classe trabalhadora que executava trabalhos repetitivos, bastante específicos, com pouca exigência de raciocínio e carga horária diária pré-definida; espaço de

trabalho fora do núcleo familiar, com rotinas demarcadas e algum tempo disponível para o lazer.

Segundo Prost e Vincent (1992), o primeiro grande marco da evolução do século XX está diretamente relacionado ao trabalho:

“Trata-se de um duplo movimento. Em primeiro lugar, um movimento de separação e especialização dos espaços: os locais de trabalho já não são mais os da vida doméstica. Mas essa diferenciação dos locais vem acompanhada por uma diferenciação das normas: o universo doméstico se liberta de regras anteriormente ligadas ao trabalho que ali se realizava, ao passo que o mundo do trabalho passa a ser regido, não mais por normas de ordem privada, e sim por contratos coletivos” (Prost e Vincent, 1992, p. 21)

Em pesquisa realizada por Prost e Vincent (1992), existem registros, inclusive fotográficos, das mudanças ocorridas com a migração do trabalho do ambiente doméstico para a esfera pública. No início do século XX, o ideal para uma jovem era trabalhar na casa dos pais, costurando para outras famílias, por exemplo. Somente nas camadas socialmente mais baixas é que as jovens saíam de casa para trabalhar nas fábricas ou nas casas de outras famílias, como domésticas. Já os rapazes que estavam fora de casa ou das fábricas, de modo geral, eram mal remunerados e ganhavam menos que os operários das fábricas: trabalhavam muitas horas por dia, sem parar, para cumprir as tarefas encomendadas ou realizar todas as entregas, como no caso dos jornaleiros, que não tinham empregadores fixos.

Alguns setores produtivos da época, como os de óculos e jóias, forneciam matéria-prima para as pessoas trabalharem em suas próprias casas. Em todos esses casos em que os trabalhadores estavam fora das fábricas, o trabalho e a vida doméstica se misturavam e se confundiam.

A partir da Revolução Industrial, o regime de trabalho mudou como consequência direta das transformações ocorridas na organização do próprio trabalho. O indivíduo que trabalhava na produção fabril passou a estar relacionado de forma cada vez mais estreita com o seu posto de trabalho e com a etapa da produção em que estava inserido.

É quase impossível entender a inteira dimensão e abrangência dessas mudanças para a vida dos homens e, até mesmo, compreender o significado do conceito de posto de trabalho, surgido com a Revolução Industrial, sem estudar o que se convencionou denominar de *taylorismo* e *fordismo*.

O termo *taylorismo* foi criado para representar um sistema de organização do trabalho predominantemente industrial, desenvolvido pelo engenheiro norte-americano Frederik W. Taylor (1856-1915). Nesse sistema, separam-se as funções de execução das funções de concepção e planejamento. Desse modelo de regime de trabalho decorreram a fragmentação e a especialização das tarefas, além do controle do tempo e dos movimentos realizados pelos homens e pelas máquinas para a execução das mesmas.

Segundo Santana e Ramalho (2004), Taylor defendia:

“uma decomposição minuciosa do processo de trabalho em movimentos e tarefas fragmentadas e rigidamente controladas pelo tempo, resultando em um maior grau de hierarquização e desqualificação no interior do processo de trabalho. Tudo isso disposto em uma linha de montagem e com recompensa salarial separada do esforço empreendido pelo trabalhador.” (Santana e Ramalho, 2004, p. 15).

Já o *fordismo* é entendido como uma associação das normas *tayloristas* do trabalho com a produção. O termo *fordismo* é uma homenagem a Henry Ford que, em 1914, introduziu o dia de trabalho de oito horas, com recompensa de cinco dólares e várias mudanças tecnológicas para os trabalhadores da linha automática de montagem de sua fábrica de automóveis.

Esse sistema *fordista* visa a potencializar a produção e o consumo em massa a partir dos movimentos do mercado, ou seja, relacionar a quantidade de produção estipulada a uma fábrica e aos seus trabalhadores diretamente à demanda crescente ou decrescente do mercado de consumo ao seu redor. Uma das mais importantes inserções tecnológicas da gestão de Ford foi a esteira automática, que mudou o entendimento do trabalhador em relação à sua participação na produção e em relação ao produto final de seu trabalho. Botelho (2000) faz um retrato do que considera ter sido o grande significado da presença da esteira na linha de produção e no trabalho do operário. Vejamos:

“No sistema *fordista*, a potencialidade produtiva do trabalho parcelado é levada ao limite, com a solução encontrada por Ford para o problema do abastecimento dos homens para a realização do trabalho parcelado: a **esteira**. Dessa forma, o “trabalho” (as peças ou componentes necessários à produção) era levado até o operário e esse não mais necessitaria se deslocar pela fábrica para buscar peças ou matérias-primas utilizadas durante o processo de trabalho, “gastando” tempo nesses deslocamentos. Assim, uma importante inovação do *fordismo* com relação ao *taylorismo* foi a reinvenção da correlação manufatureira entre a divisão do trabalho e a produtividade através da introdução do que o próprio Ford denominou de “o serviço de transporte” – todo o mecanismo de levar o “trabalho” ao operário – o que levou a um considerável aumento da produtividade. Ocorre uma economia de tempo para a produção através da fixação do trabalhador em postos de trabalho,

característica espacial marcante no interior da indústria *fordista*.” (Botelho, 2000, p.15)

Sendo assim, o *fordismo* gerou um conjunto de práticas econômicas, técnicas, gerenciais, políticas e sociais que, combinadas, formaram uma estratégia específica de aumento de capital para as empresas e transformaram radicalmente a forma dos indivíduos se relacionarem com o seu trabalho.

O trabalhador, que antes criava todo o produto de acordo com sua disposição ou prazo para entrega, passou a desempenhar tarefas bastante específicas, determinadas pelos seus empregadores. Esse mesmo trabalhador passou a ter hora para começar e encerrar a jornada de trabalho, tendo uma previsão antecipada de quais seriam seus ganhos monetários ao final de um período.

Apesar da condição criativa do trabalhador parecer ter sofrido influências negativas diretas do novo modelo de produção, os trabalhadores começaram a receber a informação, antecipadamente, de que precisariam trabalhar determinado tempo para ganhar determinada remuneração, o que antes era imprevisível.

“O trabalho domiciliar se retraiu não apenas por razões econômicas, embora estas tenham sido incontestavelmente determinantes. O desejo de ganhar mais e com maior regularidade é, de fato, acompanhado pelo desejo de reduzir o tempo dedicado ao trabalho: quando a pessoa trabalha numa fábrica, ela sabe o momento em que o trabalho vai parar. O tempo que escapa ao patrão, e cuja importância aumenta ao longo do século, pertence à pessoa, que pode dispor inteiramente dele. Trabalhar fora de casa é também estar plenamente em casa na hora em que se está em casa. Nesse sentido, a retração do trabalho domiciliar responde à reivindicação de uma vida privada.”(Prost e Vincent, 1992, p. 25)

Com a determinação da carga horária específica para o trabalho junto às fábricas, surge o tempo livre que será destinado ao lazer. Segundo o sociólogo francês Dumazedier (2000), um dos mais importantes estudiosos da sociologia do lazer, o lazer é um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores e possui “relações sutis e profundas com todos os grandes problemas oriundos do trabalho, da família e da política.”(Dumazedier, 2000, p.20).

O interesse pelo lazer e o desenvolvimento das primeiras investigações sobre o tema têm origem na segunda metade do século XX. O lazer, inicialmente, foi entendido como um tempo disponível depois das ocupações. Segundo Dumazedier (2000), essa definição foi apresentada por vários autores até 1930, quando Claude Augé acrescentou um novo significado a esse conceito: o lazer

passou a ser concebido como distrações, ocupações às quais o indivíduo poderia se entregar de espontânea vontade, durante o tempo não ocupado pelo trabalho.

Os estudos sobre o lazer surgiram junto com as mudanças, principalmente nas reduções das jornadas de trabalho. Daí a necessidade de se conhecer e atuar sobre o tempo livre dos homens que trabalhavam em países industrializados. Ainda para Dumazedier, as funções do lazer são principalmente: descanso, divertimento, recreação e entretenimento, como resposta à fadiga gerada pelo trabalho, e também funções de desenvolvimento, já que o lazer possibilita novas formas de aprendizagem.

A partir desse momento da história, o trabalhador passa a ter o seu dia dividido entre horas de trabalho, horas de lazer e horas de descanso.

Como se pode perceber, a vida do homem inserido nesse contexto histórico que originou mudanças no trabalho e na vida pessoal passou e ainda passa por inúmeras transformações através dos tempos e da entrada de novas tecnologias.

Na próxima seção, sigo analisando o momento atual, fortemente influenciado pelas novas tecnologias da informação e da telecomunicação.

2.2 Revolução da Informação

“A Revolução da Informação está hoje no ponto em que a Revolução Industrial estava por volta de 1820, cerca de quarenta anos depois da primeira aplicação do motor a vapor aperfeiçoado por James Watt (inventado em 1776), numa operação industrial – a fiação de algodão, em 1785. E o motor a vapor foi para a Revolução Industrial aquilo que o computador tem sido para a revolução da informação – seu gatilho, mas acima de tudo seu símbolo.”

Peter Drucker

O período que se refere à Revolução da Informação, também chamado por alguns autores de Revolução Digital ou Tecnológica, se instala na sociedade pós-industrial, bem na passagem do século XX para o XXI, com a difusão do computador, da Internet e do progresso da telecomunicação.

Influenciado por essas rápidas transformações tecnológicas e também econômicas, o mundo de hoje é estreitamente ligado ao conceito de "aldeia global", criado pelo sociólogo canadense Marshall MacLuhan (Meyrowitz, 1999).

Em seu trabalho, MacLuhan comparou o nosso planeta a uma aldeia, na qual todas as pessoas podem se comunicar diretamente entre si.

No trabalho que intitulou de “Global Permeabilities”, Meyrowitz (1999) faz uma adaptação desse conceito de “aldeia global”, elaborado por MacLuhan, apresentando uma ampliação conceitual que remete o leitor a um mundo maior, heterogêneo e complexo, denominado de “sociedade global”.

O conceito de “sociedade global”, utilizado por Meyrowitz (1999), advém de uma percepção de que o progresso tecnológico proporciona constantes trocas de informações entre pessoas situadas nos mais diferentes pontos do mundo, podendo, por exemplo, obter notícias em tempo real sobre catástrofes ocorridas em países longínquos, de outros continentes, por meio de pesquisas na Internet e, também, conseguir maior mobilidade com a utilização de aparelhos celulares, que tornam possíveis conversas entre duas ou mais pessoas, em qualquer lugar e a qualquer hora.

Meyrowitz (1999) auxilia ainda a compreensão dessas transformações ao explicar o fenômeno da comunicação “sem fio”, relacionando-o ao surgimento de uma cultura de nômades globais. Segundo esse autor, o que caracteriza uma sociedade de nômades globais é o enfraquecimento das fronteiras, por ele também chamadas de membranas, que eram bem delimitadas na era moderna. Essas fronteiras, produzidas pelo homem, ainda remanescentes nos nossos dias, formam obstáculos físicos, sociais, políticos, culturais e econômicos e dificultam sobremaneira o processo de comunicação na sociedade que está em pleno processo de globalização.

A crescente e maciça utilização das novas tecnologias da informação torna inevitável a tendência de aumentar a porosidade das membranas, acarretando grandes transformações na antiga impermeabilidade do sistema social moderno e ensejando cada vez mais a dissolução dessas fronteiras.

Naturalmente, a progressiva deterioração dessa impermeabilidade se estende às relações entre os sujeitos, empresas, governos, países, línguas, culturas e sociedades.

As tecnologias da informação produzem nas pessoas uma transformação dos padrões tradicionais de relacionamento, dando origem a novos arranjos sociais. Esses arranjos são compostos pela facilidade de interatividade entre as pessoas,

troca e uso de conhecimentos e informações com maior velocidade, a qualquer hora do dia ou da noite.

Essas novas tecnologias, tão presentes no planeta, geram transformações em vários níveis, até mesmo nos mais complexos e inimagináveis, sendo que um novo fenômeno, o da globalização, inserido nessa discussão por Meyrowitz (1999), surge como uma das principais marcas da Revolução da Informação. O homem, que está no centro das mudanças, passa a ter acesso a um enorme número de informações, advindo das mais diversas fontes, a todo o momento.

Apesar de a globalização ser conhecida e discutida desde os primeiros estudos sobre as grandes navegações, quando os povos buscavam a integração econômica entre os países, essa passa a ter um papel fundamental neste momento, onde os recursos de comunicação estão mais acessíveis e possibilitam novos conhecimentos, descobertas e informações, globalmente distribuídos, que influenciam a vida e o trabalho de todos.

Segundo a definição de um dicionário da língua portuguesa, o verbete globalização significa:

“1. Ato ou efeito de globalizar. 2. Econ. Processo típico da segunda metade do séc.XX que conduz a crescente integração das economias e das sociedades dos vários países, esp. No que toca à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros, e à difusão de informações;” (Ferreira, 1999, p.991)

Com o aumento dos recursos de comunicação, essa passa a ficar mais acessível, proporcionando contato entre as pessoas. Esse contato constante acontece tanto no nível social (família, amigos etc.) quanto no empresarial, resultando em interferências das mais variadas nos mercados, nos governos, nas crenças, nas religiões e nos núcleos familiares.

Giddens (2003) descreve vários aspectos da globalização e seus reflexos profundos no modo de viver dos indivíduos. Para melhor ilustrar como se dá essa influência na vida cotidiana e nos eventos mundiais, segue abaixo a seguinte citação do próprio autor:

“Num mundo globalizante, em que informação e imagens são rotineiramente transmitidas através do mundo, estamos todos regularmente em contato com outros que pensam, e vivem, de maneira diferente de nós”.(Giddens, 2003, p. 16).

Giddens (2003) considera a globalização um acontecimento ao mesmo tempo político, tecnológico, cultural e econômico e considera que, apesar desse fenômeno ser disseminado pelo Ocidente e trazer em si o forte estigma do poder

político e econômico americano, atingindo todos os países, apresenta, entretanto, extrema desigualdade em suas conseqüências.

Giddens (2003) afirma também que a principal influência da globalização tem sido o desenvolvimento dos sistemas de comunicação já a partir do final da década de 60, cujo marco maior é o advento das comunicações por meio de satélite. Segundo esse autor, “pela primeira vez, a comunicação instantânea de um lado a outro do mundo é possível” (2003, p. 21). O autor entende que o mundo está conectado por redes, nas quais os fluxos de informação criam novas formas de interação entre as pessoas; fenômeno esse que tem como conseqüência direta e imediata o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação.

A presença dessas novas tecnologias no cotidiano do homem atual é uma realidade que se impõe, independentemente de sua vontade, que se configura diante dos mais corriqueiros atos de sua vida, desde a simples travessia de um sinal de trânsito até a utilização automática e também trivial de um aparelho celular.

Surge, aqui, uma importante pergunta: como essas mudanças vêm afetando os homens em sua vida pessoal e no contexto de sua vida profissional? Fazendo referência novamente aos conceitos de Meyrowitz (1999), cabe indicar que esse fenômeno de desintegração de fronteiras provavelmente atinge os limites que separam o público do privado e a vida do trabalho da vida doméstica. Essa última fronteira que se desfaz, entre o trabalho e a vida pessoal, a partir da Revolução da Informação, diz respeito a esta pesquisa e será explorada nesta dissertação.

A seguir, serão analisadas as influências dessas tecnologias da informação na vida dos indivíduos que trabalham em empresas.

2.2.1

O regime de trabalho após a Revolução da Informação: o trabalho flexível

A partir da Revolução da Informação, que se inicia na década de 1970, o processo de reestruturação das atividades produtivas também incorporou inovações tecnológicas e novas formas de gestão dos trabalhadores.

Segundo Santana e Ramalho (2004), as principais transformações na esfera produtiva são profundas e atingem diretamente o trabalhador. Uma das primeiras

transformações apontadas por esses autores é a redução do número de trabalhadores nas unidades de produção, visando ao aumento desta (a chamada *lean production*). Essa *lean production* é a demanda de um mercado globalizado e aberto, que sofre uma forte concorrência internacional.

Nesse cenário, temos as máquinas realizando o trabalho automatizado e o homem sendo deslocado para as áreas de criação de novos produtos e para a administração dos negócios.

Outra novidade apontada por Santana e Ramalho (2004) é que os trabalhadores passaram a ter que ser polivalentes e flexíveis, para alcançarem, como fruto de seu trabalho, um produto também flexível, ou seja, suscetível às demandas do mercado e passível de mudanças, conforme a necessidade do acionista e o desejo do cliente. Como exemplo, pode-se dizer que o carro de cor preta, que era a única opção das fábricas da Ford, não é um atrativo de consumo para o homem desta era. Agora, quem escolhe a cor do carro é o comprador e não o proprietário da fábrica.

Esse sistema flexível de trabalho vem trazendo o homem de volta para o centro da produção, como acontecia antes da Revolução Industrial, já que as máquinas não podem apresentar inovações constantes ao processo de produção.

A reestruturação de atividades produtivas gera a flexibilidade das relações de trabalho e engloba mudanças nas exigências de novas competências técnicas dos funcionários e nas garantias dos direitos conquistados pelos trabalhadores.

Nos países menos desenvolvidos, como é o caso do Brasil, essa reestruturação vem gerando aumento no mercado de trabalho informal e também no desemprego, uma vez que a maioria da população não possui acesso a um nível crescente de qualificação profissional. Além disso, o relacionamento de longo prazo das empresas com seus funcionários mudou: atualmente é incomum um funcionário entrar com o cargo de contínuo de um banco e alçar um cargo gerencial, já que as empresas buscam esse profissional pronto no mercado de trabalho.

Castells (1999) também faz várias menções às transformações do trabalho e do mercado de trabalho nos tempos atuais. Ele acredita que a nova sociedade, que denomina de “Sociedade da Informação”, vai maximizar a “produtividade baseada em conhecimentos” por intermédio do desenvolvimento e da difusão de tecnologias de informação.

Na citação abaixo, Castells (1999) relaciona a evolução histórica do emprego à necessidade de aumento de produção e ao avanço tecnológico, conforme apontado anteriormente por Santana e Ramalho. Castells faz considerações que ilustram bem como as mudanças sociais, econômicas, culturais e tecnológicas vêm interferindo na vida de homens e mulheres, em cada época da história.

“A evolução histórica do emprego, no âmago da estrutura social, foi dominada pela tendência secular para o aumento da produtividade do trabalho humano. Conforme as inovações tecnológicas e organizacionais foram permitindo que homens e mulheres aumentassem a produção de mercadorias com mais qualidade e menos esforço e recursos, o trabalho e os trabalhadores mudaram da produção direta para a indireta, do cultivo, extração e fabricação para o consumo de serviços e trabalho administrativo e uma estreita gama de atividades econômicas para o universo profissional cada vez mais diverso.” (Castells, 1999, p. 249/250)

Os avanços nas áreas da tecnologia e da informação são vistos por Castells (1999) como elementos transformadores dos meios de produção e também das relações de produção. Esses elementos transformadores afetam tanto as empresas como os seus empregados.

Para atuar na nova economia global, com novas tecnologias e demanda de redução de custos, as grandes empresas tiveram que se tornar mais efetivas. Para tanto, as organizações que anteriormente apresentavam uma hierarquia vertical se horizontalizaram, o que significa menos cargos de gestão de pessoas e maior número de especialistas em assuntos específicos.

Esse novo modelo de gestão, citado no parágrafo anterior, resultou em algumas alterações na posição do trabalhador perante essas mudanças, como: a reorganização das equipes em torno dos processos e não mais das tarefas; uma redução dos níveis de chefia e redistribuição das responsabilidades; a avaliação periódica do desempenho dos funcionários a partir da satisfação dos clientes; a recompensa financeira com base no desempenho da equipe; treinamentos constantes dos funcionários em todos os níveis visando a manter elevado nível de atualização, prospecção e intensificação dos contatos com fornecedores e clientes. Em outras palavras, a todos os indivíduos foram feitas exigências de maior conhecimento e nível de profissionalização. Em contrapartida, os funcionários passaram a ser avaliados e remunerados de acordo com seu desempenho e os resultados alcançados.

Os vários níveis hierárquicos dentro das empresas aumentavam o tempo de decisão e solução de problemas uma vez que eram necessários vários administradores para decidir sobre um só assunto. Na era da informação, "tempo" é uma mercadoria crítica e as organizações precisam de agilidade de seus funcionários nas tomadas de decisões, para serem competitivas.

Com um número reduzido de gerentes para tomarem as decisões, a informação pode ser processada a uma velocidade compatível com as capacidades dos novos equipamentos tecnológicos. Esse processo de redução de níveis hierárquicos nas empresas é conhecido como reengenharia.

Abaixo, encontram-se dois exemplos que ilustram o que significa o termo "reengenharia", retirados do texto de Iamamoto, Isotani e Endo (1999), que traz exemplos de mercado sobre esse processo. Foram escolhidos exemplos que apontam com clareza a influência das novas tecnologias na vida dos empregados de grandes corporações, já que as novas tecnologias possibilitaram essas transformações:

"- Em 1982, a Bridgestone, produtora de borracha japonesa, comprou as instalações da Firestone e imediatamente aplicou a reengenharia às operações de acordo com seus próprios padrões rígidos de produção enxuta". Introduziu equipes de trabalho, achatou a hierarquia organizacional de oito para cinco níveis, reduziu as classificações de cargo, criou programas de retreinamento profissional para melhorar o controle de qualidade e investiu US\$70 milhões em novos equipamentos projetados para automatizar o processo de produção. Em menos de 5 anos, a produção aumentou de 16.400 para 82.175 pneus por mês. Nesse mesmo período, a produção de pneus com defeitos caiu em 86%.

- A revolução da reengenharia atingiu alguns de seus sucessos mais marcantes no setor varejista. Sistemas de resposta rápida estão reduzindo tanto o tempo quanto a mão-de-obra de todo o processo de distribuição. O código de barras permite que os varejistas mantenham um registro atualizado e minucioso de quais itens estão sendo vendidos e em que quantidades. Os dados no ponto de venda eliminaram erros na definição dos preços e no caixa, além de reduzir significativamente o tempo gasto no etiquetamento dos produtos. A gigantesca cadeia de descontos Wall-Mart deve boa parte de seu sucesso ao seu papel pioneiro de tirar proveito dessas novas tecnologias da informação. A Wall-Mart utiliza as informações coletadas por scanners no ponto de venda e as transmite pelo intercâmbio eletrônico de dados diretamente aos seus fornecedores, tais como a Procter&Gamble, que por sua vez, decidem quais itens devem embarcar e em que quantidades. Os fornecedores enviam diretamente para as lojas, sem passar pelo depósito. "O processo elimina pedidos de compra, conhecimentos de embarque, grandes estoques e reduz custos administrativos com a eliminação da mão-de-obra necessária em cada etapa do processo tradicional para manusear pedidos, despachos e armazenagem." (Iamamoto, 1999, p.5)

Chamo a atenção para a seguinte observação: se as novas tecnologias da informação e da comunicação, com seus computadores e telefones, não estiverem aumentando o volume de trabalho e acelerando o fluxo de atividades de cada indivíduo, podem estar, pelo menos, fazendo-os correr atrás de um nível de conhecimento e habilidade cada vez maior, para dar conta de suas funções. Logo, todo esse cenário de mudanças, como se pôde ver até agora, não deixa intactas as vidas pessoal e profissional de todos.

O sociólogo americano Richard Sennett (2004), um importante estudioso da questão do trabalho na nossa sociedade, argumenta que o ambiente de trabalho atual dá grande ênfase às ações de curto prazo, à visão do trabalho por projetos e valoriza a flexibilidade, impedindo, assim, que os indivíduos construam uma narrativa coerente para suas próprias vidas. Essas mudanças no ambiente de trabalho podem estar gerando transformações na subjetividade dos sujeitos inseridos nesse contexto.

Sennett (2004) defende que o desenvolvimento do caráter depende de virtudes e valores como lealdade, comprometimento, confiança e ajuda que são características em extinção na sociedade capitalista. Para Sennett, há um intenso contraste entre o mundo do trabalho atual e o do passado. Esse contraste é caracterizado por, primeiramente, uma rigidez das organizações hierárquicas, no qual o que importava no passado era um senso de caráter pessoal, que está desaparecendo, e a reengenharia das corporações, que oferece risco, flexibilidade, trabalho em rede e equipes que trabalham juntas em projetos de curta duração.

Sennett (2004) se refere ao período anterior à Revolução da Informação como sendo um tempo em que as relações sociais eram mais profundas e duradouras, e valores como a ética eram evocados com mais frequência. Nesse tempo, segundo ele, a vida e o trabalho eram lineares, sendo o trabalho uma espécie de antídoto para o fracasso pessoal. O sistema burocrático regulava os ganhos de riquezas, minimizando as desigualdades, havendo também certo paternalismo estatal e sindical.

A partir desse raciocínio, Sennett (2004) estabelece o que considera ser a grande diferença entre aquela época e o momento atual: a forma de organizar e enxergar o tempo é o fator que mais afeta a vida emocional das pessoas dentro e fora do ambiente de trabalho.

Para Sennett, não há mais espaço para o longo prazo; os trabalhadores trocam de emprego diversas vezes durante suas vidas profissionais, as empresas mudam as tarefas e os funcionários da noite para o dia. Há como orientação principal do processo de gestão a lógica mercadológica, na qual o rápido retorno financeiro é gerado pela contínua mudança institucional. O novo momento histórico vem transformando a lógica do trabalho, antes apoiada na burocracia.

Sennett também apresenta o conceito de ambiente de trabalho flexível, que considera estar baseado no risco e no pressuposto da liberdade individual do empregado, que passa a ser o responsável por gerenciar sua carreira e trajetória profissional.

O autor não nega os aspectos positivos do trabalho atual, quando comparado com as condições de trabalho do início do século passado, mas dá uma maior ênfase ao que considera ser a ausência dos fatores formadores do caráter, comentada anteriormente.

Nicolaci-da-Costa (2003) chama a atenção para a visão negativa apresentada por Sennett sobre a sociedade atual e o risco desse pensamento vir justamente de um pensador tão importante e influente como ele. Na obra de Sennett (2004), há uma constante avaliação negativa das características da vida pós-moderna em comparação com a moderna. O autor não identifica características positivas na sociedade atual como o acesso às novas formas de comunicação e todas as oportunidades que elas proporcionam.

Contrapondo-se ao negativismo de Sennett, Daniel Bell (1977) aponta algumas vantagens da sociedade pós-industrial e elege como sendo as principais: a educação em massa, o amplo acesso dos homens à comunicação e o tempo disponível para o lazer. Nessa sociedade que dá mais importância ao saber teórico, as universidades, os institutos de pesquisa, a cultura e o lazer são considerados instituições fundamentais.

Como visto anteriormente, o trabalho na era industrial acontecia dentro de determinado tempo e local. Com as mudanças acontecidas no trabalho flexível e com o aumento das porosidades das membranas que separavam o trabalho do lazer ou da vida pessoal, os trabalhadores passaram a poder ser acessados a qualquer hora e em qualquer lugar, por sua empresa, por intermédio das tecnologias da informação.

Entender como se encontram as barreiras entre o trabalho, a vida familiar e o lazer, que são interligadas pelas novas tecnologias, é objeto de estudo desta dissertação. Para incrementar o panorama sobre as transformações ocorridas na vida e no trabalho dos homens, após a chegada de novas tecnologias, resta abordar as mudanças ocorridas na relação espaço e tempo a partir da chegada das novas tecnologias.

2.3

Implicações das inovações tecnológicas na relação espaço e tempo

O estudo sobre a chegada e as conseqüências das novas tecnologias na vida do homem permeia todo este trabalho. Foram abordadas as chegadas da energia elétrica, da máquina a vapor, da ferrovia, do telefone, da produção de bens materiais em grande escala, entre outros.

Um dos principais pontos de mudança resultante dessas tecnologias, ponto esse que irá ser ainda mais marcante a partir da entrada do celular na vida do homem, é a transformação dos conceitos de espaço e tempo.

O processo de industrialização e as novas tecnologias, de comunicação e locomotoras, possibilitaram a aceleração do tempo de forma inimaginável, conforme apresentado no capítulo anterior, quando Drucker (2002) elegeu a ferrovia como elemento mais revolucionário da Revolução Industrial, já que modificou o tempo, as distâncias percorridas pelo homem e conseqüentemente a geografia mental do homem da época.

Nicolaci-da-Costa (2005) aponta para essas transformações em torno dos conceitos de espaço e tempo, ocorridas entre o século XIX e o início do século XX:

“A industrialização acelerou vertiginosamente o ritmo da produção outrora artesanal. O automóvel e outros meios de transporte cada vez mais rápidos reduziram o tempo necessário para qualquer deslocamento espacial antes limitado à capacidade física dos seres humanos ou animais. Já uma mensagem telegrafada ou um telefonema tornaram possível atingir interlocutores distantes instantaneamente.” (Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 365).

Zygmunt Bauman (2001), sociólogo polonês nascido em 1925, também concorda que a aceleração do tempo comentada anteriormente é uma das principais marcas da nossa Era:

“A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes de estratégia e da ação; quando deixam de ser; como eram ao longo dos séculos pré-modernos, aspectos entrelaçados e dificilmente distinguíveis da experiência vivida, presos numa estável e aparentemente invulnerável correspondência biunívoca.” (Bauman, 2001, p.15)

Essa citação de Bauman (2001) auxilia a compreensão do papel da tecnologia em todo o processo de mudanças pelo qual vêm passando os conceitos de tempo e espaço, visto que, a partir da modernidade, a distância percorrida em determinado tempo - cada vez mais rápido - passa a ser definida pela tecnologia.

A aceleração do tempo e a separação entre os conceitos de tempo e espaço, proporcionados pelas tecnologias, acarretam mudanças nas interações sociais.

Essa interação social que, anteriormente, era realizada nas relações face a face vem transformando-se a partir do aparecimento de diversificadas formas de mediações tecnológicas inovadoras. Essas novas tecnologias, por sua vez, são necessárias para garantir a aproximação entre pessoas geograficamente distantes. Dentre essas novas formas de mediação interativa, podem-se citar: o telegrama, o telefone fixo, o fax, o e-mail e, atualmente, o telefone celular.

Acrescido a essas mudanças nas interações sociais, as novas tecnologias também possibilitam que homens e mulheres, mesmo distantes de seu local de trabalho, possam estar em contato com sua empresa a qualquer hora. Como o trabalhador de antes da Revolução Industrial, encontrado em casa, o trabalhador contemporâneo pode ser encontrado por seus empregadores ou clientes a qualquer hora e em qualquer lugar, através de recursos tecnológicos.

Em se tratando da disponibilidade constante do trabalhador, um leitor atento pode perceber, na citação de Prost e Vincent (1992) abaixo, uma semelhança entre a disponibilidade do trabalhador de antes da Revolução Industrial, para o seu trabalho, com o trabalhador da era do trabalho flexível, que pode ser encontrado através do telefone fixo, do e-mail e, principalmente, do telefone celular onde quer que esteja.

“A indiferenciação dos locais é, então, vivida como uma escravidão total do tempo. A reivindicação de uma vida privada leva à dissolução do antigo emaranhado: para que o tempo da vida privada fique fora do alcance dos clientes, os espaços precisam ser dissociados e a loja deve se separar do domicílio.” (Prost e Vincent, 1992, p.29).

Essa indiferenciação entre espaço privado e público e tempo livre e de trabalho pode estar sendo vivenciada pelo trabalhador atual quando esse, mesmo

fora de seu local de trabalho, tanto consegue acionar a empresa quando de férias ou em compromissos pessoais quanto também pode ser facilmente acionado por ela.

Utilizando novamente o conceito de Meyrowitz (1999), é, através do aumento da permeabilidade das membranas que separam a vida pessoal da profissional, que é possível o contato constante da empresa com o seu funcionário, do trabalhador com a empresa e da família e amigos com esses trabalhadores em seus locais de trabalho. Esse contato é viabilizado pelas tecnologias, principalmente a celular. Por essa razão, daqui para frente será estudada, especificamente, a chegada dessa tecnologia.